



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE
FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA

**A vida atrás dos riscos: uma análise antropológica da prática da prostituição na Cidade de
Maputo**

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo
Mondlane.

Autor: José Elias C. Tinta

Supervisor: dr. Danúbio Lihaha

Maputo, Dezembro de 2013

**A vida atrás dos riscos: uma análise antropológica da prática da prostituição na Cidade de
Maputo**

O Autor

.....
José Elias C. Tinta

Trabalho submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciatura em Antropologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais na Universidade Eduardo Mondlane.

O Supervisor

.....

O Presidente

.....

O Oponente

.....

Maputo, Dezembro de 2013

Declaração

Declaro por minha honra que este relatório de pesquisa nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau, e que o mesmo constitui o resultado da minha investigação pessoal, e estão indicadas no texto e na bibliografia as fontes utilizadas.

José Elias C. Tinta

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória dos meus avôs que já não estão entre nós, Ponda Themba, Bastiana Chamboco, Janet Ponda, Chanaze Gimo; ao meu primo Alberto João Gande e ao meu tio Pessere, cujos ensinamentos ficaram gravados eternamente.

Aos meus amados pais Elias Camuendo Tinta Niquice e Lucinda Sadia Alfinar, e aos meus irmãos Marcelino Tinta, Canquide Tinta, Caponda Tinta, Fiolina, Santa, Elias Tinta, Timóteo Tinta, Eugénio Tinta, Melo Tinta e Lampiao Tinta; aos meus primos, Meneses Francisco Meque, Lieza Janet e ao meu avô João Gande, que há de melhor em termos de valores e educação.

Agradecimentos

“Aquele que triunfa não deve jamais esquecer alguém que o tenha ajudado, mantendo em mente que tem o dever de fazer o mesmo nas oportunidades que a vida lhe trará” (Provérbio popular).

Em primeiro lugar agradeço a DEUS por tudo que tem feito na minha vida, por cuidar de mim e por ter feito esse momento tornar-se realidade.

Um especial agradecimento ao meu supervisor dr. Danúbio Lihahé, o professor mais fascinante que um dia conheci, pelo apoio e incentivo durante a elaboração do presente trabalho. dr. Você é um professor fascinante porque não só ensina para a carreira de Antropólogo mas também sabe educar seus estudantes para a vida. E obrigado a todos docentes do departamento de Arqueologia e Antropologia que directa ou indirectamente contribuíram para a minha formação.

Ao meu pai, Elias Camuendo Tinta Niquice e a minha mãe Lucinda Sadia Alfinar, que com todas as dificuldades do mundo, educaram-me e acreditaram em mim em todos os momentos com algumas frases nas quais passo a citar: “Primeiro estudar, segundo trabalhar, terceiro preparar o futuro e quarto casar”. E por terem me ensinado a ser persistente apesar dos obstáculos da vida.

Aos tios Cardoso, Carolina, Cláudia, Inácio, Francisco Meque, Elias, Fumanhane, Jorgina, Bonifácio, ao meu pastor Raimundo e a igreja no geral que sempre orou por mim. “Ndatenda”! Aos meus amigos especialmente, Pedro António Cebola Alfredo, Gilda Augusto, Eanes Coutinho, Abdala Ismael, Ivan Bonifácio, Pereira Gídeo, Patrícia Boroma, Azevedo José, Rosário Potai e Fernando Chissale, pelo carinho e apoio.

A toda turma de Antropologia de 2010-2013 pelos grandes momentos vividos durante a nossa formação, bons e maus momentos, e, em especial, o Horácio André, Gabriel Malipa, Mahlok Massingue, Marta Estedy, Orlanda Siteo, Sansão Macamo, Pilale Isequiel, Inácio Manjate, Karina Matandalasse e Ana Sofia. Isso mostra claramente a força que nos uniu, pelos fins-de-semana e feriados estudando, discutindo ideias, produzindo e organizando as matérias e os trabalhos. Foram dias árduos e momentos inesquecíveis vividos com muita intensidade.

E, por último, não deixando de ser especial, a todas trabalhadoras de sexo, que pela sua força, apoio, colaboração, luta diária pela vida, o meu muito obrigado.

Resumo

O presente estudo teve como campo de análise a Avenida Olof Palme, na cidade de Maputo onde procurou analisar as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas que naquele local desenvolvem as suas actividades. A recolha de dados foi feita com base no método etnográfico aliado a observação directa, entrevistas semi-estruturadas e com recurso a histórias de vida.

A teoria adoptada para o trabalho, foi a cultural e social do risco. Os resultados do estudo apontam que as trabalhadoras de sexo têm noção dos riscos e tem uma cultura defensiva face ao risco, através das suas vivências na prostituição.

Constatou-se também que os profissionais de sexo apesar de terem noção dos riscos, preferem arriscar as suas vidas por vários motivos, apontando a causa principal de cariz económico, que varia entre desemprego, incapacidade de auto-sustento, divórcio e falecimento do parceiro; adoptando assim estratégias de acordo com as condições e situações reais que as profissionais estão submetidas. Esta constatação remete para o carácter contextual que o risco vai assumindo resultado de interpretações diferentes no seio destas profissionais.

Palavras-chave: Prostituição, Risco, Gestão de risco, Percepção do risco

Lista de abreviaturas

BM – Banco Mundial.

DTS - Doenças Sexualmente Transmissíveis.

DAA – Departamento de Arqueologia e Antropologia

FMI – Fundo Monetário Internacional.

FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique.

HIV (Em inglês) - Vírus de Imunodeficiência Humana.

OTM – Organização dos Trabalhadores Moçambicanos.

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

PRE - Programa de Reabilitação Económica.

SIDA - Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

TVM - Televisão de Moçambique.

UEM – Universidade Eduardo Mondlane.

UP – Universidade Pedagógica.

Índice

Declaração	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	iv
Lista de abreviaturas	v
CAPÍTULO 1.....	1
1. Introdução	1
1.1 História da Prostituição	3
1.2 Risco: Uma abordagem histórica.....	6
CAPÍTULO 2.....	8
2. Revisão de Literatura.....	8
CAPÍTULO 3.....	10
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	10
3.1 Prostituição.....	11
3.2 Risco	11
3.3 Gestão de Risco	13
3.4 Percepção de risco	13
CAPÍTULO 4.....	15
4. Metodologia	15

4.1 Técnicas de recolha de dados	15
4.2 Constrangimentos no terreno.....	17
CAPÍTULO 5.....	19
5. Apresentação e análise dos resultados	19
5.1 O local de estudo	19
5.2 O dia-a-dia das trabalhadoras de sexo	19
5.3 Motivações para a prática da prostituição	20
5.4 Percepções sobre os riscos e suas práticas	23
5.5 Mecanismos de gestão e manipulação dos riscos.....	25
6. Considerações Finais	28
Referências Bibliográficas.....	30

CAPÍTULO 1

1. Introdução

O estudo sobre os riscos no contexto da prostituição tem marcado algumas reflexões sobre esta profissão, e actualmente vem se constituindo como um campo central de análise. O trabalho de pesquisa que aqui apresento, procura seguir esse trilha, analisando o contexto da Cidade de Maputo. O mesmo derivou de uma inquietação na qual, em alguns canais de comunicação social (Mira Mar e TVM), que a prostituição está a ganhar mais espaço no contexto urbano, tendo como explicações causais como a pobreza, desemprego, a precariedade das condições de trabalho e a incapacidade de auto-sustento.

O risco e prostituição têm uma dimensão sociocultural, esta dimensão não é igual e universal. Sendo assim admite-se a possibilidade da existência de uma multiplicidade de interpretações do risco e do fenómeno prostituição a partir de várias percepções. Guivant (2000) mostra que os indivíduos são activos organizadores das suas percepções, impondo os seus significados aos acontecimentos quotidiano.

O estudo sobre risco ganhou especial atenção na modernidade, tornando-se objecto de estudo em diversas áreas de saber e com diversas abordagens teóricas. Beck (1992) foi um dos autores que enfatizou a importância do estudo do risco nas ciências sociais. Para este autor, o risco surge tendo em conta a modernidade e o processo de globalização.

Para Douglas e Wildavsky (1982), o risco é algo “socialmente construído e, por vezes, afigura-se como algo incontrolável, visto que nós nem sempre conseguimos saber se aquilo que estamos a fazer é suficientemente seguro para prevenir a ocorrência de acidentes ou de efeitos indesejados”. Esta noção mostra que indivíduos e actores sociais têm modos específicos de representarem, lerem e conceberem o risco.

Nos estudos sobre o risco no contexto da prostituição, apresenta-se actualmente, como uma questão, a da percepção humana dos riscos. Isto significa que as populações interpretam os riscos, são construtoras activas do seu quotidiano, e estruturam o seu pensamento e a sua acção perante o risco.

O fenómeno da prostituição, assim como a preocupação com os riscos são questões transversais à todas as esferas da sociedade moçambicana, já que o Sida e outras doenças sexualmente transmissíveis continuam a devastar milhares de pessoas em todo o país. De acordo com PNUD (2007), vivemos num contexto em que a Sida é a principal causa de mortes prematuras no continente africano, que afecta principalmente a população economicamente activa, os jovens, sem deixar de lado as crianças. De acordo com Muianga (2009), “a região da Africa Austral, onde Moçambique se situa, é o epicentro da epidemia, com um terço do número global de seropositivos e de mortes por causa da doença”.

Escolhemos como área de estudo a Av. Olof Palme por não possuir nenhum estudo realizado neste sentido e por sua vez também possuir uma maior concentração de trabalhadoras de sexo que desenvolvem as suas actividades neste local.

Tendo em conta que as profissionais de sexo são actores sociais que organizam e dão significado as suas vidas, acções, práticas e percepções, este estudo procura identificar e analisar as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas na cidade de Maputo, especificamente na Av. Olof Palme. E mais especificamente objectivamos mapear e analisar as percepções sobre os riscos inerentes à profissão de prostituta, entre o grupo destas profissionais; procurar perceber e descrever os mecanismos de gestão e manipulação dos riscos profissionais, entre as prostitutas.

O trabalho encontra-se estruturado em 5 capítulos. O primeiro capítulo é a presente introdução onde estão expostos o problema de pesquisa, a justificação e pertinência do estudo, os objectivos e depois fazemos uma abordagem histórica - contextual sobre o fenómeno da Prostituição e risco. No segundo capítulo, apresentamos a revisão de literatura, onde abordamos os vários estudos e autores que debruçam sobre o fenómeno de risco no contexto da prostituição. O terceiro capítulo, trata do enquadramento teórico e conceitual do estudo, onde apresentamos a teoria adoptada no trabalho e os conceitos que nos conduziram a pesquisa.

O quarto capítulo, trata da Metodologia usada no trabalho, o que serviu de alicerce para a elaboração do presente trabalho. Ainda no mesmo capítulo, apresentamos as técnicas de recolha de dados e os constrangimentos do terreno. O quinto capítulo ficou reservado à apresentação e

análise dos resultados; por último apresentamos as considerações finais como síntese reflexiva de nosso estudo e as referências bibliográficas.

1.1 História da Prostituição

De acordo com Muianga (2009), os primeiros casos de prostituição no nosso país remontam ao período colonial. Foi a descoberta das minas de ouro no Rand e construção da linha férrea para o Transvaal, e os diamantes de Kimberley que, por volta de 1860, Lourenço Marques conheceu um movimento de homens provenientes de vários pontos religiosos, geográficos, e sociais, que arriscavam as suas vidas em busca de melhores condições monetárias longe de suas famílias.

“Nesta altura, a ideia de bar servia de cobertura para a negociação do amor carnal. O bar continha álcool e mulheres. Mulheres que vendiam-se em leilão, por cima das mesas dos bares, oferecendo-se ao cliente que mais libras pagassem. As mulheres que se prostituíam neste local eram de princípio, de origem europeia, recrutadas de países como Portugal, França, Itália, etc, pelas proprietárias dos estabelecimentos mais aparatosos, respondendo os requisitos de padrão internacional imposto pela clientela dos Estados Unidos, Europa, etc.” (Muianga, 2009)

Ora, “a rua Araújo, rapidamente se tornou o fascínio dos homens locais. Uns que tinham dinheiro e não tinham mulher, e outros que eram homens do mato, os cantineiros, que ao cabo de alguns meses selvagens nas lojas de zinco dos subúrbios de Lourenço Marques, a permitir quinquilharias, panos e vinhos por géneros cafreais, peles e marfim, vinham à cidade amortizar letras, deixando as sobras em libras amarelas na Rua Araújo, para pagar o único possível convívio civilizacional que era viável ao sertanejo endurecido dos bairros de zinco”, idem (2009).

Para além dos locais já referenciados, “existia também a prostituição de casa, com destaque para as famosas casas de Maria e Sara, que eram patroas de tantas meninas que, sentadas na sala de espera todas as noites, aguardavam pelos seus clientes. Havia uma tabela de preços, por hora ou por noite. Esta prática também era visível nos bairros periféricos de Caniço nos anos de 1940 e

50, onde se concentrava a população indígena, como é o caso da Mafalala, Xipamanine etc”
idem.

Ainda de acordo com (Muianga, 2009), com a “chegada a independência do país, o governo do partido Frelimo em Moçambique, tenta construir uma sociedade organizada, adoptando uma série de medidas que incluíam a operação produção, com vista a inverter os fluxos migratórios e a transferência forçada dos desempregados, marginais, prostitutas e todos improdutivos urbanos, para o campo, considerados fonte de instabilidade social e delinquência nas grandes cidades. Em consequência destas medidas, entre 1976 e 1988, houve uma aparente interrupção da prática da prostituição”.

Entretanto, na década de 1980 e 1990, Moçambique vivia um momento conturbado, caracterizado por conflitos armados, calamidades naturais e uma crise de abastecimento de bens de consumo. Neste contexto, o governo moçambicano implementou um programa de reformas económicas, o Programa de Reabilitação Económica, do FMI e Banco Mundial obedecendo as políticas destes, com o objectivo de tentar melhorar as condições de vida da população ao curto prazo. Este projecto contudo, teve resultados contrários aos esperados, e é neste contexto que para fazer face às adversidades do dia-a-dia, começam a acentuar-se as anomalia sociais, como é o caso de assaltos da esquina, etc. Nisso, é importante referir que, a abertura económica e política criada pelo PRE criou um ambiente mais tolerante para a prática da prostituição, (idem).

Nos últimos anos a prostituição ganhou maior visibilidade, incluindo menores que comercializam o sexo de forma aberta nas artérias da cidade do Maputo. O projecto da geração Biz em Maputo, “estima cerca de 30.000 trabalhadoras do sexo em Moçambique, mais de 40% com idades compreendidas entre os 15 e 29 anos e, cerca de 5000 trabalhadoras de sexo com idades entre os 12 e trinta anos de idade” (Abrahamsson, 1998).

O fenómeno prostituição é frequentemente observável no quotidiano nocturno nos locais públicos como as Avenidas 24 de Julho, Julius Nyerere, Keneth Kaunda, Olof Palme, Rua de Bagamoyo, Cosiglieri Pedroso, Rua da Gáveia, Travessa da Boa Morte, Feira Popular, Marítimo, Armando Tivane, Rua de Marginal e nas Barracas. Estes locais transformam-se em autênticos centros comerciais, onde, tanto as mulheres casadas, como as solteiras, viúvas, trabalhadoras e

desempregadas, estudantes, incluindo menores, oriundos de diversos bairros, deambulam interpelando transeuntes, parando carros, anunciando preços ao eventual, cliente (Muianga 2009).

Ora, fazendo retrato do fenómeno no mundo geral, podemos dizer que a prostituição esteve presente no decorrer de diferentes períodos históricos da civilização, por essa razão é que vários actores sociais preferem considerá-la como uma das mais velhas profissões que o mundo já teve. Contudo, “em vários países do mundo esta prática tem sido encarada como uma actividade ilícita e por vezes socialmente desviante; todavia, ela nem sempre foi uma actividade ilegal”, Lopes (2006).

De acordo com Lopes (2006), apud Roberts, foi “por volta dos anos 2000 a. C, que a instituição da sagrada prostituição se tornou visível e foi registada por escrito pela primeira vez. A prostituição sagrada era um ritual sexual que se tornou parte integrante do culto religioso das primeiras civilizações do mundo, como o Egipto e Mesopotâmia, onde o sexo era visto como sagrado, e as pessoas prestavam culto à deusa através de antigos rituais”.

Porém, já “na segunda metade do século XIX assistia-se na Europa, um debate sobre a prostituição, devido ao crescimento dos bordéis”, (Lopes, 2006). Neste período, a prática da prostituição em muitos países do mundo estava sujeita a diversos regulamentos. E este regime baseava-se por um lado, no pressuposto dos efeitos nocivos da abstinência sexual para os homens, e por outro lado no pressuposto de que numa relação sexual que se estabelecesse com as prostitutas, contrair-se-ia doenças venéreas, isto é, as prostitutas eram portadoras e vector daquelas doenças sexuais.

Deste modo, a prostituição não passa de “uma negociação e prestação de serviços sexuais, com ou sem a intervenção de uma terceira pessoa, onde esses serviços são publicitados e geralmente reconhecidos como disponíveis num local específico, e que o preço dos mesmos reflecte às pressões da oferta e da procura”. (Lopes, 2006 apud Roberts e Truong).

Portanto, estes autores fazem referência à actividade da prostituição enquanto prostituição sagrada, onde se conferia um estatuto privilegiado aos praticantes da actividade nas civilizações

antigas da Mesopotâmia e do Egípto, há cerca de 3000 anos a. C. Foi na Grécia Antiga que a primeira Legislação destinada ao controlo da prática da prostituição surgiu.

Ainda de acordo com Lopes (2006), “ao contrário dos gregos, os romanos não tinham bordéis estatais, mas foram os primeiros a introduzir um sistema de registo de prostitutas. Tal sistema produziu duas categorias, as registadas chamadas *meretrizes*, e as não registadas denominadas *prostibulae*. O termo prostituta deriva da última expressão. Embora o Estado tentasse controlar a prostituição, através de leis que impunham às prostitutas uma certa indumentária, a prostituição no Império Romano não era uma actividade estigmatizada, mas sim uma prática comercial bem integrada na economia”.

Goffman (2002), defende que a prostituição é fruto das transformações sociais, decorrentes do início da Revolução industrial na Europa, século XVIII, como “resultado do processo do exôdo rural, migração, e de outros a estes associados. Por isso, a prostituição antes de ser um acto desviante, é de facto um problema que começa com o desenvolvimento das sociedades e das cidades”.

O mesmo autor, parte da análise feita nos Estados Unidos da América, na cidade de Chicago, nos anos de 1930, quando começaram a surgir no seio daquela cidade, fenómenos como a imigração e problemas a ele associados como é o caso do desemprego, a criminalidade, a delinquência e principalmente a prostituição, que embora sendo factores já existentes em épocas anteriores, a partir desta determinada altura (1930 - século XX), começam a ganhar maiores proporções naquela cidade.

1.2 Risco: Uma abordagem histórica

O uso da palavra risco tornou-se cada vez mais comum ao longo dos tempos. Esta passou a aplicar-se a uma enorme variedade de situações. Na verdade a noção de risco adquiriu expressão durante os séculos XVI e XVII e começou por ser usada pelos exploradores ocidentais quando partiam para as viagens que os levavam a todas as partes do mundo (La Mendola, 2005).

Segundo Gamba e Santos (2006) a palavra risco é oriunda do *riesgo*, contudo não tinha a conotação de perigo potencial. Etimologicamente a palavra risco é oriunda do latim *resecum*, ou o que corta, que era uma expressão usada pelos marinheiros relacionada ao perigo oculto no mar.

Confirma La Mendola (2005) e Mendes (2002) a ideia de que a noção de risco surgiu relacionada aos perigos que podiam comprometer as viagens marítimas. Naquela época, o risco indicava a probabilidade de um perigo objectivo, não se tinha o conceito ou a ideia de falha ou responsabilidade do homem, mas sim eram atribuídos a actos divinos ou uma força maior que pudesse interromper a viagem.

Segundo Freitas e Gomez (1996), o processo de desmistificação do conceito de risco ocorreu junto ao estudo da probabilidade, quando foi possível prever o acontecimento de determinado ato ou situação que poderia se transformar em perigo.

Escreve Granjo (2006) que a palavra risco denota noção de espaço. Posteriormente quando usada pela ciência económica, passou a incluir a noção de tempo, imprescindível para se calcular os prováveis riscos de determinado investimento. De acordo com o mesmo autor, as probabilidades e incertezas não podem ser separadas do conceito de risco, já que não se pode dizer que alguém enfrenta um risco quando o resultado da acção está totalmente garantido.

Na mesma linha, posiciona-se Castiel (2002), onde afirma que o risco é uma entidade probabilística, fazendo com que a previsão de ocorrência dos agravos não seja indiscutível, incontrolável, mas sim que os riscos são na realidade, apenas possibilidades.

CAPÍTULO 2

2. Revisão de Literatura

O estado de arte sobre as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas, mostra-nos que várias abordagens analisam este fenómeno. Uma defende que a pobreza é um factor em muitos de estudos. Em tempos de crise económica as mulheres jovens podem envolver-se em relações transaccionais para responder às suas necessidades básicas, como comprar comida, providenciar habitação e também pagar propinas escolares. (Luke 2002).

Ademais, Manjate (1996), evidencia que “as trabalhadoras de sexo mais jovens e com maior nível de educação têm uma renda maior do que as outras e tem mais tendência de usar o preservativo”. O autor identifica três camadas com características distintas em função da sua renda: “baixa, média e alta”. As mulheres com maior renda são “as mais jovens, com elevado nível de educação formal e tem menos clientes aos fins-de-semana que as outras”. Na mesma linha, posiciona-se e Chamo (2003), ao afirmarem a “pobreza” e a “cultura de imitação das amigas” como sendo as causas que levam as mulheres a prática da prostituição.

Entretanto, o estudo feito por Bagnol e Chamo revela que “as raparigas de Quelimane usam mais preservativo com os seus namorados do que com os parceiros ocasionais, enquanto em Pebane as raparigas tendem a afirmar o contrário”. (Bagnol e Chamo 2003:33).

De acordo com Muianga (2009), “existe um grupo de pesquisadores que desenvolveu um estudo no Oeste de Zimbabwe, Mashonaland, com o objectivo de determinar o papel do sexo comercial na expansão do HIV\SIDA para a população em geral, onde estimaram a proporção da prevalência da infecção do HIV\SIDA e factores de risco atribuídos às profissionais de sexo, através do contacto sexual com os mineiros e farmeiros”.

De acordo com tal estudo, as mulheres recorrem à prática prostitucional por razões de sobrevivência. Ora, o mesmo autor refere ainda que, é extremamente importante não esquecer que, não são necessariamente as razões económico-financeiras, ou de sobrevivência, que levam a

que os actores sociais adiram à prática da prostituição, na medida em que para algumas mulheres, a actividade prostitucional representa uma opção laboral, donde retiram uma série de vantagens, inclua-se as vantagens económicas, de gozo, entretenimento, etc.

Tomando como campo de estudo a “Rua do Bagamoyo”, na baixa da cidade de Maputo, (Muianga, 2009) procurou por um lado, identificar as estratégias que as trabalhadoras de sexo recorrem para fazer frente ao risco de infecção pelo HIV/SIDA, e por outro, compreendeu a eficácia destas respostas face aos condicionalismos sociais que influenciam significativamente na gestão de risco e saúde neste grupo social. A sua conclusão foi a de que as prostitutas possuem um “stock de conhecimento” sobre o risco de exposição ao HIV/SIDA, o que permite, “por um lado desenvolver uma consciência de risco”.

Estes riscos que estas prostitutas correm pressupõem, segundo Muianga (2009:44), “que o comportamento de risco tenha sido percebido por uma análise consciente e racional de todas as vantagens e inconvenientes da situação”.

Com uma abordagem diferente, Lupton (1999:117), revela por um lado, que para perceber as práticas de risco entre as prostitutas é fundamental ter em conta o contexto social, a forma de organização e condições de trabalho deste grupo social. Por outro, sustenta que o seu *status social*, a sua posição como grupo marginalizado e com pouca protecção por parte das instâncias policiais e judiciais, faz com que se desenvolvam diversas estratégias para lidar com os riscos de violência física, roubos e abusos por parte dos clientes.

O desafio desta perspectiva consiste em mostrar que a cultura e a sociedade molda e conduz os comportamentos dos indivíduos, olhando para o contexto social e cultural em que estas práticas e riscos profissionais entre as prostitutas estão inseridas, a forma de organização e as suas condições de trabalho.

CAPÍTULO 3

3. Enquadramento teórico e conceptual

Neste trabalho recorremos a teoria cultural e social do risco defendida por (Guilam, 1996; Lihahé 2002; Kolluru, 1996; Marli, 2005; Duclos, 1986 e Granjo, 2004). Estas abordagens, olhando especificamente para a de Granjo (2004) entende-se o enfoque a dimensão contextual e social na análise do risco, a perspectiva permite igualmente analisar os riscos olhando para o caso das prostitutas como parte integrante da sociedade e também como actores que pensam e significam os riscos no quotidiano das suas práticas.

Marli (2005) afirma que, o risco é intrínseco a sociedade mas a percepção e a leitura que fazemos é contextual. Na mesma linha posiciona-se Granjo (2004) quando faz menção de risco como algo que deve ser interpretado e lido social e culturalmente. Para este autor, o risco só tem existência enquanto identificado e aceite como tal, esta identificação e aceitação é contextual.

De acordo com Lihahé (2002), os riscos são produto duma construção social, embora aceitando a visão probabilística do aleatório. Na mesma linha posiciona-se Guilam (1996) ao enfatizar que nas ciências sociais as abordagens sobre risco devem considerar os factores subjectivos (ético, moral e cultural) porque estes factores direccionam a acção dos indivíduos.

Duclos (1986) refere que a prevenção do risco é tanto prática quanto simbólica uma vez que os mecanismos de gestão e manipulação destinam-se mais ao estilo e modo de relações sociais entre os profissionais no local de trabalho, do que propriamente na redução do risco técnico em si. Essa pesquisa enfatiza a ideia da dimensão social, cultural e simbólica inerente as relações sociais que os indivíduos vão construindo em locais e contextos específicos.

3.1 Prostituição

A prostituição pode assim, ser definida Segundo Detrez (2003), “todo acto que envolve relações sexuais (hetero ou homossexuais) na base de pagamento de um bem ou de um valor económico e que esta actividade seja realizada num local fixo e permanente”.

A prostituição, pode assim ser definida como “uma actividade onde os actos sexuais são realizados em troca de um pagamento” (Lee & O’Brien, 1995:4), ela é também cultural e socialmente determinada, e varia imenso de sociedade em sociedade e de acordo com as circunstâncias.

Compreende-se prostituição, “à prática que implica a troca (consciente) de relações sexuais pelo dinheiro, ou outros bens, etc”, (Muianga, 2009). E, de acordo com o mesmo autor, seja pela falta de condições socioeconómicas, pelo seu carácter de arrecadamento de renda mais flexível, ou ainda por outras razões, o trabalho sexual de rua é a forma de prostituição mais comum em Moçambique. Entretanto, quando nos referirmos à prática da prostituição neste trabalho, estaremos a indicar a prática que, implica a troca (consciente) de relações sexuais entre indivíduos, por dinheiro, ou outros bens.

Entretanto, mulher prostituta seria a “mulher que vive do comércio do sexo, vendendo o seu próprio corpo a vários homens em condição de pagamento”. (Velho, 1985:35).

3.2 Risco

Granjo (2004:160) conceitua o risco como sendo a “domesticação da ameaça, na tripla vertente de uma apropriação quantitativista que o apresenta como cognoscível, de uma sua previsão probabilística e da assunção de controlo sobre o aleatório”.

Para Sêcco et al. (2008) o risco é semelhante ao grau de probabilidades que aconteça determinado fato. Ele tende a variar de acordo com a percepção de cada indivíduo, dado que os

seres humanos possuem diferentes percepções acerca dos riscos aos quais estão expostos (Peres, 2003).

Para Pinho e Tavares (2005:163) o risco está associado à incerteza relativamente ao futuro. Ele existe porque, no presente, não é possível prever com exactidão aquilo que se irá passar no futuro.

Diz Mendes (2002) que o conceito de risco também assume que o risco é algo colectivo. Porém, o conceito de risco adopta, frequentemente, que cada pessoa pode ser um factor de risco e está exposta ao risco, não significando, contudo, que cada sujeito esteja exposto ao mesmo grau de risco. O conceito de risco possui duas dimensões, representando a probabilidade de um efeito adverso ou dano, a incerteza da ocorrência, à distribuição no tempo e a magnitude do resultado desfavorável.

Entretanto, Slovic (2001:23) preconizou que “os perigos são reais, enquanto os riscos são construções sociais”. Luhmann (1993) propõe uma distinção entre risco e perigo onde, deve falar-se em riscos quando possíveis danos são consequência da própria decisão e será mais adequado falar de perigos quando os danos ou perdas estão relacionados com causas fora do próprio controlo.

Rebelo (1999) refere que esta problemática está presente na conceptualização dos conceitos de perigo e de risco desde sempre, mas considera que a teoria do risco deve organizar-se em torno de uma sequência de três conceitos: risco, perigo e crise.

É importante referir que os riscos que mais preocupam as sociedades são os imprevisíveis, pois não só é difícil lidar com eles, como os meios de resposta estão longe da eficiência, mas também porque são riscos cujos níveis de vulnerabilidade são elevados e acarretam consequências nefastas para a vida humana. Entretanto, é neste sentido que propusemos a noção de risco sendo esta possibilidade socialmente construída e culturalmente interpretada tendo em conta o contexto.

3.3 Gestão de Risco

A gestão de riscos inclui a identificação e a avaliação dos riscos (os riscos inerentes) e então a resposta aos mesmos (HMT 2004:9).

Segundo IRM et al (2002:2) a “gestão de riscos é uma parte central da gestão estratégica de toda a organização. É o processo por meio do qual a organização gere metodicamente os riscos que cercam suas actividades com o objectivo de conseguir o benefício sustentado dentro de cada actividade e através da carteira de todas actividades”. O foco da boa gestão de riscos é a identificação e o tratamento desses riscos. Seu objectivo é: adicionar o máximo valor sustentável a todas as actividades; aumentar a probabilidade de sucesso, e reduzir a probabilidade de falhas e incertezas de conseguir os objectivos totais da actividade.

A gestão de riscos não é um processo linear, os riscos específicos não podem ser abordados ou considerados isoladamente, a gestão isolada de um determinado risco pode ter um impacto em outros, ou as acções da gestão que são eficazes no controlo de mais de um risco simultaneamente podem ser realizáveis (HMT 2004:13).

A gestão do risco tem por directiva que risco é uma opção, não é um destino, portanto deve ser assumido, mitigado (alocado, controlado ou compartilhado) ou simplesmente, evitado (Bergamin 2005). Neste diapasão, assume-se a ideia segundo a qual, a gestão de riscos é responsabilidade de todos aqueles que trabalham, devendo, portanto, fazer parte explícita ou implícita do processo. Todos os intervenientes têm uma certa responsabilidade no processo de gestão de riscos.

3.4 Percepção de risco

Lima (2005) traz sua válida contribuição quando considera a percepção de risco como se tratando de uma forma que os não especialistas (leigos e o público) pensam sobre o risco e refere-se à avaliação subjectiva do grau de ameaça potencial de determinado acontecimento ou actividade envolvendo sempre uma fonte de risco, uma dimensão de incerteza e uma avaliação do valor das perdas potenciais.

Percepção de risco corresponde as noções e conhecimentos que determinado grupo de indivíduos tem sobre a ocorrência de possíveis situações que possam colocá-los numa situação de perigo.

Sendo assim, a percepção *de risco* entre as trabalhadoras de sexo é concebida como sendo um fenómeno sócio e culturalmente construído. De entre vários factores que intervém na percepção sobre o risco entre este grupo de profissionais constam: os significados por eles partilhados; as suas crenças e convicções; o seu meio cultural e social e; suas intenções e objectivos de acção. Nesta ordem de ideia valida-se a definição apresentada por Lima (2005).

CAPÍTULO 4

4. Metodologia

Este estudo é de carácter exploratório e do tipo qualitativo. A realização de um estudo exploratório permite-nos identificar os riscos profissionais entre as prostitutas e suas práticas em contexto urbano.

Segundo Minayo (1993), o método qualitativo aprofunda o mundo dos significados das acções e relações humanas. Este método possibilitou-nos uma análise mais detalhada sobre as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas.

De forma a preservar a identidade ou anonimato das participantes desta pesquisa, optamos por omitir os respectivos nomes dos entrevistados e usamos nomes fictícios.

4.1 Técnicas de recolha de dados

A pesquisa decorreu em três fases: sendo a primeira fase nos meses de Março a Junho de 2013, que consistiu na consulta documental, artigos, teses, revistas e livros. Esta consulta foi feita em diversas bibliotecas da Cidade de Maputo, nomeadamente, a Biblioteca Central Brazão Mazula da UEM, Biblioteca do Departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA-UEM) e por último na Biblioteca da Universidade Pedagógica (UP).

A segunda fase foi feita com base numa pesquisa etnográfica que decorreu de Julho a Outubro de 2013 na Av. Olof Palme. Esta fase foi marcada por observação directa, entrevistas semi estruturadas e com recurso a histórias de vida.

Lakatos e Marconi (2007) mostram que a percepção teórica do pesquisador associado e complementada pela realidade estudada dá uma visão mais densa e saturada do fenómeno em estudo. A etnografia permitiu identificar e analisar as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas no seu local de trabalho.

Minayo et al (1993) referem que a etnografia possibilita explorar a relatividade dos significados e valores que os actores sociais dão as suas acções e o que pensam sobre o que fazem. Esta compreensão é feita na base de uma aproximação fundamental e de intimidade entre pesquisador e o objecto de estudo, através de uma “descrição densa” (Geertz 1989).

A observação directa, segundo Quivy e Campenhoudt (2003), utiliza todos sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade, sendo que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações no local onde pretende estudar. Observou-se a interacção entre as profissionais de sexo e os seus clientes, a convivência entre este grupo social e as suas condições de trabalho.

As entrevistas semi-estruturada que segundo Gill (1987), guia-se por uma relação de pontos de interesses que o entrevistador vai explicando ao longo do seu curso. O entrevistador faz poucas perguntas directas e deixa o entrevistado falar livremente a medida que se refere aos pontos assinalados.

As histórias de vida, por mais particulares que sejam, são sempre relatos de práticas sociais: das formas com que o indivíduo se insere e actua no mundo e no grupo do qual ele faz parte (Bertaux, 1980).

A utilização da História de Vida como abordagem metodológica vem evoluir continuamente. Foi introduzida no meio académico, em 1920, pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znanieski, na Polónia. A partir da década de 60, esse método de pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido, constituindo um método de colecta de dados do homem no contexto das relações sociais. (Chizotti, 1991).

O quotidiano das pessoas é retratado por meio de suas histórias de vida. Nosso quotidiano é repleto de significações: é um conjunto de situações vivenciadas no dia-a-dia, percebidas individualmente e renovando-se a cada instante. A vida quotidiana é caracterizada “como o lugar das negociações do acontecimento pelos seres humanos e, ainda, como o lugar de disposição da existência pela construção sempre renovada da interface da natureza e da cultura” (D’epinay, 1983).

Relacionando o quotidiano e a narrativa de vida, Cipriani (1983) sustenta que através das narrativas de sua vida, o indivíduo se preenche de si mesmo, se obrigando a organizar de modo coerente as lembranças desorganizadas e suas percepções imediatas: esta reflexão só si faz emergir em sua narração todos os micro eventos que pontuam a vida quotidiana, do mesmo modo que as durações, provavelmente comuns aos grupos sociais, mas que dentro da experiência individual contribuem para a construção social da realidade.

Gaulejac (2005) aponta que o objectivo do método da história de vida é ter acesso a uma realidade que ultrapassa o narrador. Isto é, por meio da história de vida contada da maneira que é própria do sujeito, tentamos compreender o universo do qual ele faz parte. O método começa a partir do desejo do entrevistado de contar sua vida. Pede-se ao sujeito que conte sua história, como achar melhor, nos moldes de entrevista não-estruturada.

Para Trindade (1995:121) a história de vida é “uma técnica que consiste na recolha de material biográfico de pessoas intencionalmente escolhidas”.

A última fase consistiu na sistematização, análise e interpretação dos dados recolhidos no campo. Esta fase culminou com a elaboração do presente relatório de pesquisa.

4.2 Constrangimentos no terreno

Durante a pesquisa etnográfica encontrei alguns constrangimentos. Um dos constrangimentos foi a forma como fui recebido naquele local. Fui confundido como um cliente. No primeiro dia de contacto com o local fui recebido com as seguintes palavras: *ola amor, tudo bem? Que tal, vamos a esquina?* Como forma de minimizar este constrangimento, tive que me apresentar mostrando o meu intento naquele local.

A fim de garantir confiança nas trabalhadoras de sexo, efectuei visitas preliminares antes de aplicação das entrevistas, onde estabeleceram-se conversas informais como forma de ganhar credibilidade nas trabalhadoras de sexo. Estas visitas realizaram-se em três dias intercaladas.

Conquistada a confiança é que houve a oportunidade de realizar as entrevistas e tomar algumas notas.

Outra dificuldade esteve ligada à desconfiança que a unidade de análise (trabalhadoras de sexo) teve na prestação dos seus depoimentos no momento da aplicação das entrevistas. Algumas das entrevistadas diziam: *vocês sempre estão a nos escrever, não cansam? Afinal querem nos pôr nos livros e na televisão não é?* Contudo, a presença do pesquisador no local permitiu ao esclarecimento cabal do principal objectivo do estudo.

Outra dificuldade esteve ligada a interrupção das entrevistas, uma vez que os entrevistados encontravam-se em actividades nocturnas. Várias vezes as entrevistas eram interrompidas porque as entrevistadas precisavam de atender os seus clientes. Esta dificuldade sentiu-se ao entrevistar as trabalhadoras de sexo, que constituíram a categoria mais difícil, visto que sempre corriam de uma faixa para outra toda vez que chegasse algum cliente novo ou toda vez que parasse um carro. Devido a pouca disponibilidade que as trabalhadoras de sexo apresentavam para as entrevistas, pois, elas diziam que *“tempo é dinheiro”*. Como forma de minimizar esse constrangimento, optei por marcar as entrevistas no período laboral ou por compensar o tempo que elas disponibilizavam-se em seu horário de trabalho.

CAPÍTULO 5

5. Apresentação e análise dos resultados

5.1 O local de estudo

O local de estudo cita na Cidade de Maputo no Bairro Central “B”, particularmente na Avenida Olof Palme. A avenida é extensa, fazendo intersecções com as avenidas, 24 de Julho e Ahmed Sekou Touré. Em torno do perímetro da sua esfera, é observável a existência de alguma pensão, barracas, edifícios feitos de Blocos e cimento, com um, alguns com dois, três e quatro andares vedados com muros feitos de blocos e cimento; um edifício da procuradoria da república da cidade de Maputo e um edifício da OTM (Organização dos Trabalhadores Moçambicanos).

A imagem que a avenida ilustra, principalmente no final da tarde ou ao pôr-se do sol, é de lazer (muita movimentação, consumo de bebidas alcoólicas, etc). Recordar que a avenida Olof Palme concentra maior número de pessoas que vão desde as profissionais de sexo até os clientes.

5.2 O dia-a-dia das trabalhadoras de sexo

São diversos actores sociais na Av. Olof Palme que vão desde as prostitutas, os seus clientes, transeuntes, policiais, etc. A roupa com a qual as trabalhadoras de sexo se apresentam, parte desde as capulanas, saias curtas, “cirolas”, blusas, calças, sapatos saltos, sapatilhas, chinelos e batom nos lábios, onde cada uma delas quando chega no local de trabalho ocupa o seu espaço geográfico para as suas actividades nocturnas. Tudo começa ao escurecer, ao cair do dia, entre 18h, 19h e 20h dependendo dos dias de semana.

Nos finais de semana, as trabalhadoras de sexo chegam um pouco cedo para ganharem mais clientes, uma vez que o local fica mais movimentado. Geralmente, são pessoas que variam de 19 aos 51 anos. São na sua maioria chefes de famílias, solteiras e divorciadas, prestando assim os serviços, estipulando preços que variam entre 150,00 Mt à 350,00 Mt para a prática do sexo

vaginal, nos quartos de arrendamento de pensões ou na *esquina*. Para a prática do sexo anal ou oral, os preços são discutíveis.

No caso de o cliente solicitar os serviços sexuais em sua casa, o preço parte de 400,00 Mt em diante. A *noitada*, custa acima de 600 Mt e assim por diante. Portanto, existe uma diferença notável entre as profissionais de sexo no que concerne as exigências dos preços para a prática das relações sexuais com os seus clientes. Algumas exigem 150,00 Mt à 250,00Mt, e as outras exigem 200,00 Mt à 350,00 Mt.

Para além das profissionais e seus clientes, é impossível deixar de lado os guardas-nocturnos, e polícias que ali também actuam. Os guardas-nocturnos são geralmente considerados como “disponibilizadores das *esquinas*” para as práticas sexuais. Estes ganham um valor monetário de 20,00 Mt em função do trabalho que prestam às profissionais de sexo.

5.3 Motivações para a prática da prostituição

O estudo etnográfico realizado através de observação directa, entrevistas semi-estruturadas e com recurso a histórias de vida, foi possível perceber que no que concerne às causas e motivos para entrada na actividade, todas as mulheres entrevistadas indicaram uma causa principal de cariz económico. Os motivos por detrás das dificuldades financeiras variaram entre o desemprego, divórcio, separação ou falecimento do parceiro.

Para as trabalhadoras de sexo com filhos, a sustentação dos mesmos foi indicada como a principal razão para a entrada destas na prostituição, tal como sustenta Marta (41 anos)¹:

“Eu vim para aqui, é para dar uma vida boa para os meus filhos. Como para comprar roupa, comida e fazer estudar os meus filhos. Comprar caderno, lápis, caneta, uniforme epa, muita coisa pa!”

¹ Os nomes que aqui aparecem não são os verdadeiros. Por óbvias razões éticas e de confidencialidade, e respeito pelas informantes, devido a extrema sensibilidade da temática em estudo, optei pelo uso de nomes fictícios.

“Eu faço este trabalho porque não estou a trabalhar... quando trabalhava não fazia isso. Estou aqui há quase sete meses. Agora tenho fazer esses serviços para garantir o meu sustento na escola. Quando começar a trabalhar vou deixar esta vida”. (Zinha, 26 anos de idade).

A necessidade de conforto financeiro e a percepção da prostituição como uma actividade potenciadora de um ganho considerável de dinheiro, foi apontada por algumas mulheres como outra das motivações para a entrada. Lopes (2006) defende a ideia segundo a qual, “o aspecto económico é que de facto impulsiona (em grande medida) a prática da prostituição. Pelo que, alguns vêem a actividade prostitucional como a sua principal profissão, outros como apenas um biscate que fazem de vez em quando, e outros ainda, como um complemento económico para responder às suas necessidades”.

Elisa (24 anos), diz: *“o trabalho de sexo que eu presto é do conhecimento do meu tio”*, e a razão pelo qual ela prostitui-se é pelo facto de ter um filho e sem seus pais para alimentar e ser viúva sem nenhum sustento.

Diz mais: *o meu tio acha que vale a pena eu vir para aqui do que roubar ou ir para África do Sul como fez a minha irmã. O negócio de vender tomate, cebola e alface não dá para fazer quase nada. Há dias que nem vendo nada, por isso as vezes tenho que vir para aqui para pelo menos ter alguma coisa para o meu filho sabes!* (Elisa, 24 anos de idade).

A declaração desta jovem, mostra claramente que ela, não tem receio de assumir a sua actividade e têm o consentimento e apoio dos seus familiares e que a razão que está por detrás da prostituição é económica e de sustentabilidade do próprio filho.

Manuela (24 anos) foi a única mulher a indicar o sexo como uma das razões para a entrada na prostituição.

Eu achava que iria ganhar muito dinheiro e fazer sexo que é uma coisa que eu gosto (risos) ... mas é, não é bem assim. Quando recebo o dinheiro, coloco no banco para guardar.

Em todos os casos, denotou-se que a entrada na actividade não dependeu apenas da influência de um único factor, mas sim de uma convergência de vários motivos, resultantes em situações de desamparo para a maioria destas mulheres. Desta forma, não se pretende sugerir que as causas de

cariz económico são os factores determinantes da entrada destas mulheres na prostituição. Assim, a decisão da entrada na actividade entende-se como o resultado de uma série de acontecimentos e de factores, desta forma não podendo ser simplificado ou generalizado.

A maioria destas mulheres referiram ter entrado na actividade com um ou mais objectivos que pretendiam alcançar. Estas metas estavam quase sempre relacionadas com dois factores, os filhos e obter uma segurança financeira capaz de assegurar um futuro com algum conforto económico. Para as mulheres com filhos, a necessidade de lhes poderem garantir um presente e um futuro com conforto, foi tida como a principal razão para a entrada e para continuarem na actividade.

Eu não faço isso em vão não. Tenho motivo forte, porque meus filhos, para mim, vêm em primeiro lugar. Sou capaz de qualquer coisa por meus filhos!

São os filhos que justificam esta opção de vida e é por eles que admitem sacrificar-se. Também Oliveira (2011) refere os filhos das mulheres por si investigadas como um dos factores decisivos na entrada e manutenção da actividade, sublinhando ainda que é o amor pelos filhos que as faz contornar as normas morais impostas pela sociedade. O término do seu envolvimento na prostituição acontecerá quando o seu filho atingir a idade adulta e tiver autonomia financeira.

Quando ele for adulto e tiver a trabalhar me ajudando, aí heide deixar essa vida. É difícil pa, mas fazer oquê? O governo não faz nada. Mas enquanto ele for menor assim, não posso, tenho que cuidar dele! Toda mãe cuida do seu filho”. Zinha (26 anos).

Os objectivos que este grupo de pessoas traçou aquando da sua entrada na actividade, foram os motivos por elas apresentados para continuarem a dedicar-se às práticas de prostituição. Estas metas foram estabelecidas em termos monetários ou de aquisição de bens, ou ainda em termos temporais, estabelecendo uma data para o término do envolvimento na prostituição.

Deixar essa vida agora não, talvez da daqui a alguns anos, depende ne! Epá, quero investir mais algum dinheiro! Mas não sei, não posso te dizer daqui a quantos anos.

No entanto, aquilo que pareceu ser comum a todas estas mulheres foi uma certa incerteza relativamente ao futuro. Este sentimento era transversal a todas, tanto nos casos em que tinham

objectivos traçados para cumprir e metas estabelecidas, como naqueles em que demonstravam vontade de abandonar a prostituição.

5.4 Percepções sobre os riscos e suas práticas

Apesar das trabalhadoras de sexo saberem dos riscos de praticar tal acto sem prevenção, mesmo assim, (algumas vezes) algumas delas preferem arriscar as suas próprias vidas, em troca de tais vantagens económicas, tal como indicam as nossas entrevistas:

O importante para nós, é que eles nos paguem o valor por nós cobrado e fica tudo bom. Sabe, na maioria das vezes nós viemos para aqui, não é por gostar ou por aquele prazer não, é muito mais por dinheiro. Eu não gosto, eu só venho porque preciso mesmo de dinheiro. (Dulce, 25 anos).

Tenho conhecimentos sobre as doenças sexualmente transmissíveis porque meu pai fala muito sobre isso e também tenho acompanhado na TV. (Sandra, 23 anos de idade).

Há quem diz:

“Eu sei que tenho que usar o preservativo para evitar apanhar HIV. Mas tenho alguns clientes fixos que as vezes não uso preservativo. Eles nós pagam no final do mês, podem vir fuder qualquer dia, basta eles quererem. Mas quando chega no final do mês, pagam-me. Alguns pagam-nos 1000,00 alguns 1500,00 depende né. Se você acerta um gajo que paga mesmo, até pode pagar 2000,00 ou mais mensalmente”. (Cristina, 27 anos de idade).

O discurso da nossa entrevistada demonstra a confiança que tem com os clientes associado ao poder financeiro para a prática das relações sexuais. Nestes moldes, Gune (2008) revela que o não uso do preservativo deriva dos significados conflitantes, entre os significados que orientam as práticas sexuais e os significados que orientam os discursos sobre o uso do preservativo. Ainda de acordo com o mesmo autor, as pessoas excluem o uso do preservativo sempre que achem que estão numa relação socialmente segura, que inclui relações de confiança, proximidade

ou inexistência do risco de engravidar, o que contrasta com a visão de sexo seguro como sendo garantido pelo uso do preservativo.

Há quem diz: *eu não gosto muito de preservativo sabes! Eu tenho alguém que vem fuder desde muito tempo. Derepente comecei a gostar dele e ele também começou a gostar de mim. Mesmo quando viesse aqui e não me encontrar, me ligava, estás aonde? E eu vinha ter com ele. Mas depois comecei a amar, aquela coisa de amar mesmo que até sexo começamos a fazer sexo sem preservativo! Mesmo agora, não usamos!* (Célia, 25 anos de idade).

O depoimento acima refere-se a confiança e o amor que foi se construindo ao longo do tempo, esquecendo-se do risco de contrair doenças sexualmente transmissíveis no exercício da actividade, o que leva Manuel (2004) a afirmar que os jovens excluem o preservativo nas relações consideradas estáveis, construídas sobre o amor e a confiança.

Há quem diz:

Eu tenho muito medo de Sida sabes! Essa doença é muito perigosa, mata. Agora se fala muito desta doença. Por isso faço tudo por tudo para evitar apanhar Sida. As vezes quando estou a fuder, presto muita atenção. Quando o preservativo fura-se, eu tiro logo o pénis dele ou mesmo levanto e lhe coloco outro preservativo. Não quero morrer cedo eu! (Vânia 21 anos de idade).

Portanto, como podemos observar, o uso do preservativo nestas circunstâncias constitui uma consciência de risco por parte das trabalhadoras de sexo, o que leva Dejours (2007), a afirmar que muitas vezes os trabalhadores possuem uma resistência para o cumprimento de inúmeras normas que visam sua segurança. E essa resistência se deve ao fato que o trabalhador sabe que as normatizações lhe asseguram a prevenção de acidentes. Esse conhecimento vem da experiência adquirida por ele, e que o conduz a princípios próprios que regulam o agir, inclusive no manejo dos riscos.

Para Mendes (2000), há, portanto, a necessidade de se tomar medidas para dar aos trabalhadores formação e informação sobre os perigos e riscos que existem nos postos de trabalho, já que só se pode prevenir aquilo que se conhece. Esta abordagem, leva Lihave (2002), a afirmar que os riscos são produto duma construção social.

No local, determinadas trabalhadoras de sexo afirmam que a prática sexual mais solicitada pelos clientes é o sexo vaginal. O sexo anal ou oral são solicitadas em algumas vezes. A maioria das entrevistadas afirma que o sexo anal é mais doloroso e o oral por representar maior risco de doenças, o que leva Alvarez, 2005:46-47), a dizer que “as práticas sexuais anais, vaginais ou orais não protegidas com um indivíduo infectado e que impliquem contacto directo do esperma do líquido pré-ejaculatório ou secreções vaginais com as mucosas (ânus, vagina e boca), são factores de risco independente, ainda que debaixo risco para a transmissão do vírus, sobretudo para indivíduos com feridas e inflamações bucais”.

Como afirma uma delas:

Fazer sexo anal, yu! nada, eu não me arrisco. É para rasgar o meu cú. (Tina, 48 anos).

Há quem diz: “*eu faço sexo de vez em quando no cú, mas é dinheiro papá! Você sabe que o tamanho do buraco não é o mesmo com o tamanho da vagina! Broch faço*” (Elisa, 24 anos de idade).

5.5 Mecanismos de gestão e manipulação dos riscos

Constatamos que as trabalhadoras de sexo possuem alguns mecanismos de gestão e manipulação dos riscos no seu local de trabalho. Esta situação enquadra-se no âmbito da ideia que Duclos (1986), defende ao afirmar que a prevenção do risco é tanto prática quanto simbólica uma vez que os mecanismos de gestão e manipulação destinam-se mais ao estilo e modo de relações sociais entre os profissionais no local de trabalho. Um exemplo disso são os depoimentos recolhidos a partir das nossas entrevistas:

“Eu aqui uso sempre preservativo! Nem mesmo minhas amigas sabem que devemos usar o preservativo. Se não tenho, não venho para aqui! Vir fazer o quê?” (Mariana, 27 anos de idade).

Há quem diz:

Eu tenho muito medo com o meu marido me encontrar aqui. Faço isso porque epa, não há como. Ele já não trabalha, a vida é de beber. Tenho 4 filhos, se eu não fizer isso quem vai lhes sustentar? Eles precisam de roupa, comida, ir a escola e eu também preciso de dinheiro para escola e comer. Muitas vezes ponho chapéu para tapar um pouco a cara porque alguém pode me ver aqui e ir lhe dizer, depois ele é muito ciumento sabes! (Zinha, 26 anos de idade).

Há clientes que vem de carro por exemplo. Chegam e chamam! eu tenho medo desse tipo de clientes porque pode ser alguém conhecido. Por isso ponho chapéu para ir ter com esse tipo de pessoas. (Zinha de 26 anos).

O uso do preservativo masculino tem sido uma das formas para contornar os riscos. O preservativo feminino é raramente usado, onde uma das principais razões recaí ao facto de ser mais caro, como afirma uma das nossas informantes:

“Eu uso mais preservativo masculino quando faço sexo. Feminino, Hi, nada. Está caro pa! eu não posso gastar muito dinheiro só para comprar um preservativo feminino. Prefiro masculino porque as vezes posso até ir levar no hospital. Lá está cheio e de borla” (Marta, 41 anos de idade).

Essas inadequações no ambiente de trabalho fazem com que as trabalhadoras percebam em seu próprio corpo as consequências dos riscos. Portanto, elas necessitam compreender as condições de risco a que está exposto e conhecer o que realmente lhe causa dano para então poder intervir nesta realidade (Soares et al., 2008). Esta abordagem se faz notar nos seguintes depoimentos:

“Eu sempre uso preservativo para evitar grávida.” (Manuela, 24 anos).

“Preservativo para mim, é o que eu uso. Nós não sabemos o que é que tem esta pessoa, se está sida ou não, nós não sabemos! Então, para evitar tudo, uso preservativo. (Tina 48, anos).

“Eu sempre costumo comprar preservativo, nunca tive falta disso eu! sempre quando venho para aqui, venho com cheio de preservativos na pasta porque sei muito bem que os clientes muitas vezes não vem com preservativo. yu! Não aceito fazer sexo sem preservativo eu, não faço de jeito nenhum. Se alguém vir dizer-me que não quero usar preservativo, mando-lhe embora com o dinheiro dele. Não quero apanhar doenças aqui”. (Rabia, 33 anos de idade).

Os depoimentos acima remete-nos aquilo que Christophe Dejours (2007), chama de “ideologia defensiva profissional”, que resulta na criação de uma cultura ou estratégias ideológicas de manipulação e gestão dos riscos, recorrendo ao uso do preservativo à situações de risco.

Para Dejours (2007), o trabalho sempre tem uma influência sobre a saúde, seja positiva, levando ao bem-estar, ou negativa, produzindo desgaste físico e mental ao trabalhador. Portanto, a questão não é trabalhar ou não trabalhar, mas saber quais os riscos e consequências que podem estar relacionados a esse trabalho.

Também as condições de riscos existentes no local de trabalho são fatores importantes que afetam a saúde das trabalhadoras de sexo. Os riscos contidos no ambiente de trabalho tendem a ser fontes de perigo e também contribuem para insatisfação, improdutividade, doenças e até a morte do trabalhador.

6. Considerações Finais

Tendo a “Avenida Olof Palme” como campo de análise, o estudo através da metodologia usada e as técnicas de recolha de dados, permitiu analisar as práticas e riscos profissionais entre as prostitutas na Cidade de Maputo, especificamente mapear e analisar as percepções sobre os riscos inerentes à profissão de prostituta, entre o grupo destas profissionais; e procurar perceber e descrever os mecanismos de gestão e manipulação dos riscos profissionais, entre as prostitutas. Esta constatação enfatizou a ideia de que as profissionais de sexo têm noção dos riscos e têm mecanismos de gestão e manipulação dos riscos.

Quanto as práticas sexuais, os entrevistados mencionaram a penetração vaginal, sexo oral e a penetração vaginal anal, sendo o primeiro o mais solicitado. Apesar deste grupo de pessoas exercerem a mesma actividade profissional, apresentam percepções diferentes sobre as suas práticas sexuais e suas motivações que levam a prostituição. Portanto, vale a pena frisar que, o capital financeiro dos clientes, por vezes, tem sido um elemento determinante, para a adopção ou não, de práticas sexuais (entre os clientes e as trabalhadoras de sexo).

Contudo, notamos que são diversas motivações que levam as mulheres a prostituição. Todas entrevistadas apontaram uma causa principal de cariz económico, e os motivos por detrás das dificuldades financeiras variaram entre o desemprego, divórcio, separação ou falecimento do parceiro, onde de acordo com Mauss (1983), é cada vez mais evidente que a prostituição é hoje um fenómeno social total, na medida em que nele se envolvem múltiplos aspectos: biomédicos, económicos, sociais, jurídicos, psicológicos, políticos e ideológicos.

Ora, é preciso ter em conta que nem sempre é a ausência de rendimentos que pode concorrer para este fenómeno, isto é, nem sempre o sexo constitui uma forma de sobrevivência. Nalgumas vezes, muitas jovens recorrem a prática da prostituição como forma de encontrar meios adicionais para fins que os progenitores ou parentes não os podem satisfazer.

Tendo em conta o propósito do estudo também foi possível constatar que as profissionais de sexo entendem e percebem os riscos de forma diferente e adoptam estratégias defensivas dos mesmos no seu local de trabalho. Viu-se também através de observação directa e os discursos bem como

a partir das actividades das profissionais que os riscos decorrentes da actividade dos profissionais são tidos e lidos tendo em conta o seu contexto social.

Assim sendo admite-se a partir dos resultados apresentados ao longo da pesquisa, que a percepção que os profissionais de sexo têm as suas atitudes, estratégias e interpretações decorrentes daí, são contextuais e socialmente constituídas como enfatiza Silva (2009) quando mencionam que diferentes pessoas em momentos e situações diferentes e ou mesmo em igual situação têm a tendência de seleccionar e categorizar os riscos de forma diferente. Referem também que os actores sociais as vezes podem dar respostas diferente as mesmas situações tidas como de risco.

Uma vez que nos estudos exploratórios as limitações são várias e nunca esgotadas, para as pesquisas futuras, os vestígios para novas investigações podem estar ligados a área da Antropologia da Saúde e da Doença e a influência que os elementos culturais têm na manifestação da conduta, atitudes e acções dos indivíduos no contexto da prostituição.

Referências Bibliográficas

- ABRAHAMSSON, H. (1998). *Moçambique em Transição- Um estudo da História de Desenvolvimento Durante o Período 1974-1992, Suécia, Padrigu & CEEI-ISRI.*
- ALVAREZ, M. (2005), *Representações Cognitivas e Comportamentos sexuais de Risco: O guiaio e as Teorias Implícitas da Personalidade nos Comportamentos de Protecção Sexual*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para Ciência e Tecnologia.
- BAGNOL, B. & CHAMO, E. (2003), *Titios e Catorzinhas: Pesquisa exploratória sobre "sugar daddies " na Zambézia (Quelimane e Pebane)*, DFID/PMG Mozambique.
- BECK, Ulrich. (1992). *Risk society*. London: Sage.
- BERGAMINI, S. (2005). *Controles Internos como Instrumento de Governança Corporativa*, Rio de Janeiro: Revista do BNDES.
- BERTAUX D. L'approche biographique: sa valité méthodologique, ses potentialités. Cahiers int sociol 1980; 69: 197-225.
- CASTIEL, L. D. (2002), "Lidando com o risco na Era Midiática" In: Minayo MCS, Miranda AC, organizadores. *Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; p. 113-33.
- CHIZOTTI A. Pesquisa em ciências humanas e sociais. 1991. São Paulo: Cortez.
- CIPRIANI R, Pozzi E, Corradi C. Histoires de vie familiale dans un contexte urbain. Cahiers int sociol 1983; 79: 253-62.
- DEJOURS, Christophe. (2007), *A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*, 5.ed. São Paulo: Cortz-Oboré.
- DETREZ, L. (2003). *Representações do corpo: Feminismo*, Salvador: Edufba.
- D'EPINAY CL. La vie quotidienne (Essai de construction d'un concept sociologique et anthropologique) Cahiers int sociol 1983; 74: 13-37.

DOUGLAS, Mary & WILDAVSKY, Aaron, (1982). *Risk and culture: An essay on the selection of technological and environmental dangers*, Berkeley, CA: University of California Press.

DUCLOS, D. (1986). *La construcion sociale du risque: les cas dès ouvrieries de la chimie face aux dangers industrielles*. Pires: conservatoire Nationale dès arts et Metiers.

FREITAS, Carlos Machado de; GOMEZ, Carlos Minayo. (1996) Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das Ciências Sociais. *Revista História, Ciências, Saúde*. V. 3 n. 3, Rio de Janeiro.

GAMBA, Mônica Antar. SANTOS, Eduarda Ribeiro dos. (2006), *Risco: repensando conceitos e paradigmas*, São Paulo.

GEERTZ, Clifford.1989. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Editora SA.

GIL, António, 1987, *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, São Paulo: Atlas S.A.

GOFFMAN, Erving, (2002), *o Interacionalismo Simbólico*, Editora Papyrus, Lisboa.

GRANJO, P. (2004). *Trabalhamos sobre um barril de pólvora. Homens e perigo na refinaria de Sines*. Lisboa, Imprensa das ciências sociais.

GRANJO, Paulo. (2006), Quando o conceito de risco se torna perigoso. *Revista Análise Social*, v.181, n.181, Lisboa.

GAULEJAC, V. de. (2005) *La société malade de la gestion: idéologie gestionnaire, pouvoir managérial e harcèlement social*. Paris: Seuil.

GUILAM, M.C.R.O. (1996). *O conceito de risco: sua utilização pela epidemiologia, engenharia e ciências sociais*, Dissertação de Mestrado ENSP/FIOCRUZ.

GUIVANT, J. (2000). “Reflexividade na sociedade de risco: Conflito entre leigos e peritos sobre os agrotóxicos”. In: Herculano, S. (Org.). *Qualidade de vida e riscos ambientais*, Niteroi: UFF, 2081-303.

GUNE, Emídio. (2008). Momento Liminares: dinâmicas e significados no uso do preservativo”. *Análise Social*, XLIII (2º) 297-318.

HM Treasury (HMT) (2004). *Management of Risk – Principles and Concepts: The Orange Book*.

KOLLURU, R. (1996). *Risk assesment and managemente handbook: a unified aprouch*. In: KOLLURU, R; et al. *Risk assesment and manegement Hanbook: for environmental, Health and safety professionals*. Boston, Massachutes: MCGraw Hill, chap. 1, pag. 1.3- 1.41.

LA MENDOLA, Salvatore. (2005), “O sentido do risco”. *Tempo Social*, v.17, n. 2, São Paulo.

LEE, M. & O'BRIEN, R. (1995), *The games up: Redefining Child Prostitution*, London: The Children's Society.

LIHAHE, D. (2002). *Vidas Sobre Caris*. Maputo: UEM/DAA, Tese de Licenciatura em Antropologia.

LIMA, Maria Luísa, (2005). *Percepção de Riscos Ambientais, em Contextos Humanos e Psicologia Ambiental, Luís Soczka*. Cap.7, Lisboa, Edições Calouste Gulbenkian, P.203-245.

LOPES, A. (2006), *Trabalhadoras do Sexo uni-vos!* publicações Dom Quixote, Lisboa.

LUHMANN, Niklas. (1993). *Risk: A Sociological Theory*. Berlim: Degruveyter.

LUKE, Nancy. 2002. *Confronting the Myth of "Sugar Daddies": Liking Age and Economic Asymmetries and Risky sexual behavior in Urban Kenya*. Paper presented at the Population Association of America Annual Meetings, May 8-11, Atlanta, GA.

LUPTON, D. (1999). *Risk*, Londres.

MANJATE, Marlene R. (1996). *Sexually Transmitted Diseases: Health Seeking Behavior, Knowledge, Attitudes, and Practices Among Women Factory Workers and Street-Based Commercial Sex Workers in Maputo, Mozambique*, Master of Public Health, University of Washington, Washington.

- MANUEL, Sandra. (2004). *Love and Desire: concepts, narratives and practices of sex amongst youths in Maputo city*. Cape Town: Department of Social Anthropology University of Cape Town.
- MARLI, B.N. de A. et al. (2005). *Percepção de risco e cognição: Reflexão sobre a sociedade de risco*, Ciências e cognição, Disponível em www.cienciasecognicao.org
- MAUSS, M. (1993). *Essai sur le don. Forme et raison de l' échanche dans les sociétés archaïques* in Mauss, M. (ed). *Sociology et Anthropologie*. Paris: Quadrige, Presses Universitaires de France.
- MENDES, Paula. (2000), *Formação e informação em segurança, higiene e saúde no trabalho. Revista Tecnometal*, Lisboa: n. 127.
- MENDES, Felismina. (2002). *Risco: Um conceito do passado que colonizou o presente. Revista Portuguesa de Saúde Pública*. v. 2, jul/dez.
- MINAYO, M. e SANCHES, O. 1993. “Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade”. in: *Cadernos de Saúde Publica*. 9 (3): 239-262.
- MUIANGA, B. (2009). *Risco e Saúde no contexto do VIH/Sida, o caso da prostituição na Baixa da Cidade de Maputo*, Março.
- Oliveira. A. (2011). *Andar na Vida: Prostituição de Rua e Reacção Social*. Coimbra: Almedina.
- PERES, Frederico. (2003), *Onde mora o perigo? O processo de construção de uma metodologia de diagnóstico rápido da percepção de riscos no trabalho rural*.
- PINHO, C. e TAVARES, S. (2005). *Análise Financeira e Mercados. Casos Resolvidos e Explicados. Colecção Economia e Finanças*, Lisboa: Áreas Editora.
- PNUD, Moçambique – *Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano 2007. Desafios e oportunidades, A resposta ao Hiv e Sida*, Maputo, PNUD, 2007.
- REBELO, Fernando (1999). *Riscos naturais e acção antrópica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

SÊCCO, Iara Aparecida de Oliveira Et al. (2008). *Acidentes de Trabalho e Riscos Ocupacionais no dia-a-dia do trabalhador hospitalar: desafio para a Saúde do Trabalhador*. Informativo Eletrônico da Biblioteca do COREN-RS, v.06, n. 01.

SILVA, M. K. D. (2009). *Riscos ocupacionais na perspectiva da enfermagem*, Esc Anna Ver. Enferm 2009, abril- Junho; 13 (2): 279-286.

SLOVIC, Paul, (2001). 2001: “The risk game”, *Journal of Hazardous Materials*, vol. 86, pp. 17-24.

SOARES, Jorgana Fernanda de Souza, et. al. (2008), Percepção dos trabalhadores avulsos sobre os riscos ocupacionais no porto do Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, v.24 n.6, Rio de Janeiro.

THE INSTITUTE OF RISK MANAGEMENT (IRM). 2002. *A risk Management Standard*.

TRINDADE, M. B. R. 1995. *Sociologia das Migrações*. Universidade Aberta. Lisboa.

VELHO, G, 1985, *Desvio e Divergência Uma crítica da Patologia Social*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, p. 35.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUD, Luc Van, 2003, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.